



A ESPIRITUALIDADE E A EXPERIÊNCIA DO AMOR

Matheus da Silva Martins
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)
Janaina Guimarães
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Eixo 1- Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem da Educação

“[...] nós seres humanos nos originamos no amor e
somos dependentes dele.”
(MATURANA, 1998, p. 25)

É necessário e urgente falarmos do amor. Viver, amar e conhecer são abordagens complexas da realidade que nos mobilizam a caminhar no devir da vida. E, em nossa vida, parte-se do pressuposto que a espiritualidade tem um papel importante no processo do viver, tal como a experiência do amor. Portanto, o intuito deste texto é estabelecer uma relação entre a espiritualidade e a experiência do amor nas práticas educativas em grupos de jovens da rede marista de educação.

A espiritualidade é uma questão importante e é acentuada no diálogo em nossa sociedade. A completude da temática nos possibilita muitas compreensões acerca de seu conceito e de suas significações na história. Por exemplo, em determinadas circunstâncias, a espiritualidade é compreendida como sinônimo de interioridade, de mística e experiências espirituais. Neste texto, a espiritualidade terá como recorte a mística. Segundo Mendonça (2016, p. 31):

Por isso, se me fosse dado um instante, apenas um instante, para explicar o significado de mística, a frase de Michel Certeau seria perfeita: “É místico aquele ou aquela que não pode deixar de caminhar”. [...] Contudo, mesmo as grandes viagens têm de começar com pequeno passo, e é desse modo humilde que compreendemos esta nossa contribuição. Ora, na frase: “É místico aquele ou aquela que não pode deixar de caminhar”, identifico de início uma extraordinária qualidade: não exclui ninguém, testemunha como a mística diz respeito a todos, é literalmente universal.

A nossa vida é uma experiência que se faz ao caminhar e é potencializada por uma experiência de amor, pois “o amor é constitutivo da vida humana, mas não é nada

especial. O amor é o fundamento do social, mas nem toda convivência é social (MATURANA, 1998, p. 23).

A partir disso, pensamos nas relações estabelecidas numa escola, num grupo de jovens que tem no encontro com o outro a oportunidade de vivenciar, através de uma metodologia de partilha, a dimensão amorosa do viver, pois “[...] os seres humanos vão se transformando através do tempo pela prática do amor” (PELLANDA, 2009, p. 82).

A dimensão das vivências e experiências humanas está no nosso cotidiano e nos provoca a olhar para a espiritualidade. Assim,

Precisamos olhar para a espiritualidade como uma arte integral do ser. Observamos muitas vezes em nós mesmos um analfabetismo perante as expressões fundamentais da vida. Até temos certeza, até praticamos, até sabemos, mas há momentos da vida que nos deixam sem palavras, que nos fazem sentir sem apoio: uma doença, um incidente, uma crise, ou, então, uma grande alegria, um grande encontro.” (MENDONÇA, 2016, p. 26).

Acreditar na importância da espiritualidade ligada à dimensão do amor é acreditar numa relação de respeito, de cuidado e entendimento entre os seres. A espiritualidade perpassa a dimensão do cuidado amoroso para consigo, tal como para com o outro. Crema reforça que ele gosta “[...] de sustentar que essencialmente espiritualidade é amor e, na prática, é fraternidade e serviço, viço do ser.” (CREMA, 2015, p. 16).

A espiritualidade é um fenômeno histórico e humano. “A espiritualidade como fenômeno universal que comprovadamente deixou suas marcas no mundo todo nos últimos 30.000 anos de história é uma constante antropológica em múltiplas formas de manifestação.” (DORST, 2015, p. 13) Por isto, considera-se a espiritualidade como uma fonte inesgotável do espírito. “A espiritualidade é uma das fontes primordiais, embora não seja a única, de inspiração do novo, de esperança alvissareira, de geração de um sentido pleno e de capacidade de autotranscendência ser humano.” (BOFF, 2006, p. 9).

A espiritualidade é constitutiva do humano e compreendê-la é um movimento do ser que mobiliza a trilhar um caminho de autoconhecimento. Uma caminhada para dentro de si próprio. Essa caminhada é transformadora, como nos afirma Boff (2006) que a espiritualidade provoca mudanças na pessoa.

Existe na própria conceituação sobre espiritualidade que é o oposto a materialidade. Portanto,

Espiritualidade é um termo carregado de significados. Etimologicamente esse conceito está ligado ao termo latino “*spiritus = espírito*” e significa “cheio de espírito” ou inspirado/animado” - como orientação ou práxis vitais intelectual-espiritual. (DORST, 2015, p.12).

Assim, a espiritualidade ligada ao amor, potencializa a prática humana da fraternidade e do cuidado. Ao mesmo tempo, busca-se trazer a espiritualidade para mais próximo do ser humano e não somente relacioná-la a algo que transcende o próprio ser. No instante que se reflete e aborda a espiritualidade como constitutivo de uma dimensão humana, busca-se assim, uma experiência de amor que integre o humano. Assim, o conceito de amor surge na perspectiva da espiritualidade e na complexidade para ajudar nesta aproximação teórica e prática para a vida.

O ser humano no decorrer da vida faz diversas experiências de si e com os outros seres, que são complexas e mobilizam o pensar e o refletir de novas maneiras. É urgente falar do amor e na amorosidade do ser e, como este amor, constitui uma experiência fundante na vida.

No entanto, vivemos momentos de turbulência, crise e mudanças de paradigmas. Logo, o movimento de crise nos exige e nos possibilita um exercício de reflexão acerca do vivido. Por isso, as práticas educativas que viabilizam um processo de viver para a autonomia, possibilitam uma atitude amorosa em relação às experiências vividas. Proporcionar espaços em uma Instituição Escolar para potencializar a amorosidade nas relações de encontro, envolvendo a mística, permitem que a espiritualidade seja vivenciada em sua plenitude, pois são nas experiências relacionais que encontramos a linguagem do amor.

A alteridade e a aceitação de si e do outro nos proporcionam diversas emoções. E o amor segundo Maturana é a emoção que nos dá a condição da convivência com o outro. Assim, “O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. (MATURANA, 1998, p. 23).

Maturana (1998) afirma que a emoção é um fator determinante nas relações humanas e só é possível uma relação de reciprocidade no instante em que o amor estiver envolvido. O amor aqui tratado não afirma em um amor romantizado, mas sim, de uma ação biológica dos seres. E o amor como emoção fundamenta a ação humana e, “Por isso mesmo, sustento que não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato.” (MATURANA, 1998, p. 22).

As nossas relações nos formam e nos possibilitam estar em constante relação com as emoções, seja nas mais simples ações, como também nas mais complexas. Uma das mais importantes emoções é o amor.

O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência. As interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência. (MATURANA, 1998, p. 22).

Portanto, é no amor que emerge a convivência humana e no momento em que não houver mais espaço de amor, teremos o conflito e o desamor. Ainda que exista na história muitos movimentos e acontecimentos que sejam evidenciadas questões de conflitos e da não vida. O amor é ainda sim, mais necessário e importante em nossas vidas. Segundo Maturana, (1998, p. 25)

O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto. (MATURANA, 1998, p. 25).

Fazer a relação do amor com a prática da espiritualidade nos remete para o que é vital em nossa vida: viver e amar. A percepção de si mesmo, quando revelada na vivência em um grupo, proporciona uma relação essencial consigo e com os outros, ativando uma força vital que nos acompanha para toda a existência.

Como experiências espirituais e vivências da mística, os jovens do grupo de jovens da Pastoral Juvenil Marista (PJM) da rede marista, tem momentos/espacos de cultivo da interioridade, como por exemplo: momentos de silêncio, de partilha de vida e de experiências, espacos de deserto, leituras e etc. É a partir do contato com o próximo e no reconhecimento do outro, como um outro ser, é que se percebe a dimensão do respeito e da espiritualidade através do amor. O amor é vivido em sua dimensão da espiritualidade nos grupos através do respeito, do cuidado e da escuta atenta que estes jovens têm de si mesmo e do seu próximo.

Compreender que o autoconhecimento é um movimento que nos leva à inteireza, que perdura por toda a vida, que é concebido em tempos e espacos significativos, que somos relação e que tudo que nos cerca nos integra, é fundamental proporcionar oportunidades em escolas para que o amor e a espiritualidade sejam vivenciados de forma plena. Pois nesta integração consigo mesmo encontramos a vida no outro.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidade; Experiência; Amor;

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

CREMA, Roberto. Prefácio. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; RECH, Jane. *Educação e espiritualidade [recurso eletrônico]: tessituras para construção de uma cultura de paz*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2015.

DORST, Brigitte. Introdução. In: JUNG, C. G., *Espiritualidade e transcendência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MATURANA R., Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MENDONÇA, José Tolentino. *A mística do instante: o tempo e a promessa*. São Paulo: Paulinas, 2016.

PELLANDA, N. M. C. *Maturana & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.